

## Paulo Freire no canteiro de obras

### Ana Carolina de Oliveira Marques

[Doutora em Geografia. Prof. Universidade Estadual de Goiás. Pesquisadora do grupo “Espaço, Sujeito e Existência”]

Peço licença para algumas coisas.

Primeiramente para desfraldar este canto de amor publicamente.  
Sucedede que só sei dizer amor quando reparto o ramo azul de estrelas  
que em meu peito floresce de menino.

Peço licença para soletrar, no alfabeto do sol pernambucano  
a palavra ti-jo-lo, por exemplo,  
e poder ver que dentro dela vivem paredes, aconchegos e janelas,  
e descobrir que todos os fonemas  
são mágicos sinais que vão se abrindo  
constelação de girassóis gerando em círculos de amor que de repente  
estalam como flor no chão da casa.

Às vezes nem há casa: é só o chão.

Mas sobre o chão quem reina agora é um homem diferente, que acaba de nascer:  
porque unindo pedaços de palavras aos poucos vai unindo argila e orvalho,  
tristeza e pão, cambão e beija-flor, e acaba por unir a própria vida  
no seu peito partida e repartida quando afinal descobre num clarão  
que o mundo é seu também, que o seu trabalho não é a pena paga por ser homem,  
mas o modo de amar - e de ajudar o mundo a ser melhor.

Peço licença para avisar que, ao gosto de Jesus, este homem renascido é um homem novo:  
ele atravessa os campos espalhando a boa-nova, e chama os companheiros  
a pelejar no limpo, frente a frente contra o bicho de quatrocentos anos,  
mas cujo fel espesso não resiste a quarenta horas de total ternura.

Peço licença para terminar soletrando a canção de rebeldia  
que existe nos fonemas da alegria:

canção de amor geral que eu vi crescer  
nos olhos do homem que aprendeu a ler.

*Canções para o fonema da alegria*  
Thiago de Mello, 1965.

Ontem (13/07/2019) recebi uma ligação do professor Fadel de Vasconcellos convidando-me para ser colunista do Multiplicadores de VISAT. Segundos antes da ligação, eu fazia a releitura de “Pedagogia do Oprimido”, de Paulo Freire (1987). Fadel falou-me das “colunas de opinião” e disse que a última havia sido escrita pelo professor Ricardo Gonçalves da Universidade Estadual de Goiás. Ricardo é amigo e colega de trabalho. O seu nome, pronunciado por Fadel ao telefone, subsequente à leitura de Paulo Freire, remeteu-me ao poema “Canção para os fonemas da alegria”, de autoria do poeta amazonense Thiago de Mello. Este poema, dedicado a Paulo Freire, é com frequência declamado por Ricardo numa espécie de rito de finalização de suas falas públicas. Paulo Freire - Fadel de Vasconcellos - Ricardo Gonçalves - Thiago de Mello. Dormi. Acordei muito cedo ao som estrondoso de uma betoneira. Da janela do quarto, avistei um canteiro de obras do outro lado da rua, no lote que durante a minha infância era território das “peladas” de futebol. Estou em Arraias (Tocantins), município interiorano em que cresci e que há anos esbarra no teto dos 10 mil habitantes. Mais precisamente estou na “rua sem saída” que leva o nome de um coronel e o sobrenome de um educador: Rua Coronel Diolindo dos Santos Freire. O município de Arraias faz fronteira com o território Kalunga (Nordeste Goiano), maior remanescente quilombola do país. A emergência do “arraial” que viria a se tornar vila e depois a cidade de Arraias, se deu por volta dos anos 1740, no período aurífero. A cidade foi construída com mão de obra escrava das minas de ouro. A resistência negra implicou a existência de quatro quilombos reconhecidos no município e a influência da cultura africana nos costumes dos habitantes do campo e da cidade. Também no canteiro de obras, avistado da minha janela, a negritude se fazia presente. A paisagem me era familiar frente à realidade da construção civil: homens negros de meia idade, de baixa escolaridade ou analfabetos, completamente expostos aos ruídos das máquinas e à poeira tóxica do cimento, vítimas da impiedade do sol nos trópicos, da informalidade dos contratos de trabalho, desinformados quanto aos seus direitos e com baixos salários.

Entre estes aspectos gerais do mundo precário do trabalho, é sobre o “bicho de quatrocentos anos” chamado analfabetismo que pretendo me demorar. A taxa média de analfabetismo no Brasil, no ano de 2017, foi de 7,0%, levando em conta a população com mais de 15 anos de idade (IBGE).

O estado do Tocantins sustenta, indigestamente, as seguintes posições no *ranking* do analfabetismo: 2ª posição entre os estados da Região Norte e 11ª posição no total das unidades federativas. Este “salto” de posição se deve ao incremento da Região Nordeste. Todos os estados do Nordeste, no referente ano, aproximaram ou ultrapassaram o DOBRO da média de analfabetismo no Brasil, girando em torno dos 14%.

Na situação mais alarmante vive a população do estado de Alagoas: 18,2% de analfabetos. Curiosamente, é o estado que lidera também vários índices de violência.

Vejamos: no ano de 2014, enquanto em Santa Catarina, estado com a segunda menor taxa de analfabetismo do Brasil (2,5%), 7,5 a cada 1.000 pessoas foram vítimas de homicídios com arma de fogo, em Alagoas, esse contingente foi de 56,1 pessoas (Waiselfisz - Mapa da Violência 2016). No Tocantins, políticas de segurança pública, porte dos municípios, dificuldade de acesso às armas entre outros fatores contribuem para que os índices de violência não se assemelhem aos de Alagoas. Em 2014, por exemplo, 11,2 pessoas a cada 1000 foram assassinadas com armas de fogo, quarta menor ocorrência de homicídios entre as unidades da federação.

Ainda assim, a informação da morte violenta de 164 pessoas em um só ano no estado mais jovem da Federação precisa nos afetar: tratam-se de pessoas, histórias, sonhos, afetos interrompidos pela violência assistida e legitimada pelo Estado. Violência que tem preferências de cor, gênero, renda, escolaridade, etnia, localidade e se enfraquece à medida da educação, da autonomia e da dignidade dos trabalhadores. O que diria, então, Paulo Freire aos trabalhadores negros do canteiro de obras de minha pequena cidade, terra de quilombo nomeada por coronéis, para que não se tornem estatística num país que produz mais de 11 milhões de analfabetos e em média 40 mil homicídios por ano? Ele diria algo mais ou menos assim:

**“Façam das palavras suas armas de rebeldia e com elas  
CONS-TRU-AM um mundo mais justo e alegre.  
PS: Com betoneiras menos barulhentas, claro.”**

■■■■

**Citações e fontes:**

- De Mello, Thiago. Poemas preferidos pelo autor e seus leitores. Bertrand Brasil, 2006.
- IBGE, PNAD Contínua. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - Educação, 2017.
- Freire, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 3, p. 36, 1987.
- Waiselfisz, Julio Jacobo. Mapa da violência 2016: homicídios por armas de fogo no Brasil. Secretaria de Governo da Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude, SNJ--SG--PR, 2016.

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*